

DEZ ANOS DE GEOGRAFIA NA UVA: TECENDO UTOPIAS COM FIOS GEOGRÁFICOS

Maria Auxiliadora de Medeiros¹

A crítica arrancou as flores imaginárias que enfeitavam as cadeias, não para que os homens usem as cadeias sem qualquer fantasia ou consolação, mas para que se libertem das cadeias e conservem as flores.

Karl Marx

Fiquei imensamente honrada ao receber o convite para participar das comemorações destes dez anos do curso de Geografia da UVA. Na verdade, esta também é a minha história, bem como a história dos muitos colegas que, como eu, puderam conhecer mais a fundo o universo desta ciência, nesta instituição.

A Geografia foi para mim como um divisor de águas, um marco que me levou a olhar diferenciadamente os fatos antes e depois dela. Ela permite tirar parcialmente a venda que nos cobre os olhos, levando-nos a compreender melhor o espaço e suas transformações. O mundo não será mais o mesmo depois que o observamos com olhar geográfico, pois somos tomados por questionamentos constantes na incessante busca de compreensão da realidade, alcançando a percepção de que nada será como é isoladamente.

Costumo dizer que a Geografia veio até a mim por acaso, mas não foi por acaso que escolhi me deixar envolver nos emaranhados desta ciência, pois foi com a formação geográfica que alcancei subsídios que me direcionaram para uma instigação maior sobre a nossa realidade, e sob esta nova perspectiva passei a atentar para questões antes imperceptíveis, tanto dentro de meu espaço de vivência quanto do espaço numa escala mais global.

Quando chegamos, aqui era de fato a Casa da Geografia: um espaço pequeno, mas acolhedor. O Curso apresentava uma matriz curricular inovadora, elaborada por uma equipe de docentes empenhada, determinada, cheia de disposição de construir o novo, o diferente. Um exemplo disso era o espaço disponibilizado aos alunos para que avaliassem o trabalho desenvolvido na casa. Falávamos de fato o que pensávamos!

As frequentes aulas de campo também são prova de que há uma preocupação com a aprendizagem significativa – não tem como esquecer um conteúdo visto em campo. Muitas vezes, passo por lugares onde estivemos em aula extra-sala e revivo cada informação colhida ali, bem como na hora de ministrar um conteúdo, se tiver tido uma aula prática sobre ele, exponho-o com a segurança de quem conhece o assunto. Por isso me esforço no meu trabalho docente para desenvolver aulas deste tipo: conheço o resultado porque já o vivenciei como aluna.

Elogios à parte, o fato é que ganhamos muito sendo “cobaias”² neste projeto alvissareiro. Hoje, aproprio-me de uma crítica visão de mundo que esta ciência me permitiu ter.

Ensino e aprendo Geografia constantemente, e cada vez mais me encanto com a humanidade que envolve esta ciência e percebo uma gritante carência desta enquanto ciência esclarecedora, crítica e formadora de opinião, que ainda se vê substituída por uma Geografia descritiva, de cunho meramente decorativo.

Quando a Geografia é trabalhada de forma descritiva, acríica (vendo o espaço como algo estático, distante do cotidiano do aluno) ela se esquia de sua real função – mas isso não a anula

¹ Bacharela e licenciada pelo curso de Geografia da UVA; professora da rede estadual de ensino, lecionando na Escola Marieta Cals, em Cariré-CE.

² Por mais inovador que fosse o projeto docente, eles e nós só saberíamos que resultado teria na prática ao aplicá-lo com uma primeira turma – a “turma cobaia”, da qual fiz parte.

somente tornando-a neutra e desinteressada; o problema ganha conotação maior, pois esta passa a desempenhar um papel oposto: o de formar uma vasta gama de alienados.

Seu trabalho, pois, é este: escamotear. Mostrar para encobrir. Revelar o lógico formal, para cobrir os contraditos da dialética. Prender os nossos olhos ao visível, cegando nossa percepção do não visível imediato. Roubar nossa abstração do espaço, fruto das relações sociais de produção em movimento inconstante, difuso, não linear, mostrando-o parado e preso às leis naturais (SOUSA NETO, 1997, p. 22-23).³

Só quando alcançamos o cerne desta ciência, abarcando a totalidade de sua essência, é que nos damos conta de sua importância, é que percebemos como ela nos permite idealizar utopias, não no sentido etimológico da palavra, quando utopia significa lugar nenhum⁴, mas no sentido de projetar um espaço de luta pela circulação dos reais valores da vida humana, negando qualquer forma de escravidão e desigualdade social.

Ora, idealizar uma utopia significa que não estamos plenamente satisfeitos com as coisas do jeito que são ou estão, e isto, por sua vez, implica dizer que já nos percebemos usados como uma peça apenas desta grande máquina voltada exclusivamente para o lucro. Essa percepção da necessidade de mudança, da insatisfação diante da realidade apresentada é um passo imprescindível para a efetivação de avanços, na construção de uma sociedade mais justa e digna de pessoas humanas.

Percebendo a organização social vigente tal qual ela é, e estruturando nossos anseios para um ideal, estaremos certamente dando os primeiros passos de um caminhar promissor. Podemos até nunca alcançar por completo as mudanças que almejamos, mas o que conta é este avançar do ponto de partida primeiro, sem venda nos olhos, aptos a ler as entrelinhas, a perceber o essencial que se esconde por trás dos fatos aparentes.

É primordial seguir sem sermos manipulados como marionetes, pois só assim podemos travar a árdua luta de tirar vendas e contribuir com a formação de pessoas que caminhem também com as próprias pernas, que possam se unir a nós ousando a utopia de um mundo melhor.

³ SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. *Alma e gesto: escritos geográficos*. Paraíba, 1997.

⁴ Termo usado pela primeira vez por Thomas More em 1516, ao descrever uma ilha imaginária. De acordo com sua etimologia grega, utopia significa lugar não existente, país que não se encontra em lugar nenhum; porém costuma ser utilizado em nossos dias como sinônimo de sonho, quimera.